

O CEPA: MEIO SÉCULO DE CONTRIBUIÇÃO PARA A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Marcos Albuquerque*

O poeta Gonçalves Dias, com grande lucidez, disse:

*Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar
A vida é combate,
Que aos fracos abate,
E aos bravos e aos fortes,
Só pode exaltar.*

A lembrança desta mensagem do poeta aumenta a minha satisfação de estar presente, aqui na Universidade Federal do Paraná, uma Casa que se constituiu em um grande divisor de águas na minha vida profissional. Neste momento tenho a certeza de estar falando para guerreiros, falando para heróis, pois conseguiram vencer as adversidades da vida, sobretudo as acadêmicas, eivadas de uma burocracia improdutiva e desestimulante. Os mais velhos aqui presentes, bem como alguns ausentes, pioneiros da arqueologia científica brasileira, encetaram uma luta renhida e superaram as adversidades que encontraram durante as suas respectivas trajetórias.

É com muita honra e emoção que neste momento me dirijo a estes heróis, que em grande parte está aqui presente. Porém, na platéia também se encontram jovens, e de diferentes gerações. Tenho a esperança de que estes jovens, futuros guerreiros, não se deixem abater nos combates que enfrentarão em suas atividades profissionais.

Os que não vivenciaram esta fase inicial da arqueologia científica no Brasil, sobretudo os mais jovens, terão dificuldade de

* Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE, professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE e Pesquisador do CNPq.
E-mail: marcos@magmarqueologia.pro.br

entender como foi alcançado o patamar atualmente atingido pela arqueologia brasileira.

Para os jovens de hoje, por exemplo, é difícil entender como o mundo funcionava sem celular, sem televisão, com poucas estradas pavimentadas. Elementos extremamente corriqueiros nos dias atuais, porém raros há 50 ou 60 anos. O automóvel, por exemplo, tão difundido na atualidade também se constituía em elemento raro naquela época. Chegava de navio, embalado em uma caixa de madeira.

Lembro-me que no Estado de Pernambuco tínhamos apenas 100 quilômetros de estrada pavimentada no sentido leste-oeste. O mais dramático era uma determinação da Universidade, segundo a qual não se permitia que seus veículos trafegassem fora da área pavimentada, ou seja, dispúnhamos apenas de uma pequena faixa para desenvolver as nossas pesquisas, isto, quando se conseguia uma viatura, após muitas trocas de ofícios. Por mais imaginativos que sejam os jovens aqui presentes, não conseguirão entender o que significou para os arqueólogos que integraram o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Pronapa, receberem da Smithsonian uma Rural Willys, além de recursos financeiros livres da terrível burocracia nacional. Este momento foi sem dúvida um marco divisório na arqueologia brasileira do ponto de vista logístico.

Pós-graduação, acesso a bibliografia e tantas outras “banalidades” dos dias atuais constituía-se em verdadeiros e gigantescos obstáculos para os que optaram por se dedicar à emergente arqueologia científica no Brasil.

Por estas e outras razões desenvolvi um respeito profundo por este grupo que aqui se encontra presente, como também por outros pioneiros de saudosa memória. Pois foram esses que criaram a base para que hoje muitos dos presentes estejam realizando uma pós-graduação, que estejam tendo a chance de fazer arqueologia e poder ter nesta especialidade a sua profissão.

Defendo, já de algum tempo, que cada um de nós, dos mais antigos, tem o dever de deixar registrado, enquanto é tempo, a história de suas trajetórias, a história da formação dos diversos centros de pesquisas que se desenvolveram no País. Pois, se nós buscamos a recuperação da memória de grupos passados, temos mais que obrigação de registrarmos a nossa memória, a memória dos heróis que se encontram aqui presentes, bem como dos que já se foram, não apenas porque venceram, a despeito de todas as adversidades que enfrentaram, mas, sobretudo, para estimular os mais jovens aqui presentes, “candidatos a heróis do futuro”. Pois, se não mais encontrarão as adversidades do passado, encontrarão outras inerentes

ao próprio exercício de qualquer atividade de pesquisa. O campo de pesquisa já foi aberto, os cursos de pós-graduação já existem nos grandes centros do País, a bibliografia é abundante, a necessidade da arqueologia já se consolidou, entretanto novos desafios os esperam.

Sugiro ao Superintendente Regional do Iphan, José La Pastina Filho, aqui presente, que proponha junto à administração superior do Órgão, que procure resgatar a história da arqueologia brasileira. História dos segmentos do Órgão, envolvidos com arqueologia, como também dos pesquisadores e Centros de Pesquisa disseminados hoje em praticamente todo o território nacional. Acredito que a recuperação desta história deva partir do particular para o geral. Ou seja, que só se conseguirá resgatar essa história no momento que houver um somatório de todas as micro-histórias, de cada grupo de pesquisa, e que em seguida seriam reunidas em uma síntese da história da Arqueologia brasileira. Este, portanto, constitui-se em um momento histórico para a motivação do resgate destas informações.

No que me compete tentarei fazer uma breve síntese de nossa trajetória profissional, sobretudo no tocante ao que denomino de fase pré-CEPA e pós-CEPA.

A nossa história começou de uma forma extremamente curiosa. Primeiro, eu era um jovem extremamente curioso, sempre tive muita curiosidade por vários campos, comecei ensinando matemática o que não era muito comum nas pessoas que seguiriam as humanidades. Como a maioria das pessoas envolvidas com a área das chamadas ciências exatas, também cultivava um certo desprezo pelos que se dedicavam às humanidades. Confesso que eu não era nenhuma exceção. As humanidades eram vistas como se fossem uma sub-área do conhecimento. Entretanto aproximava-se o momento em que tinha que me definir por uma profissão. O vestibular se aproximava e as dúvidas eram maiores do que as certezas. Experimentei muitas coisas. Ensinei matemática, estagiei em micologia, organizei uma coleção de minerais e rochas, participei de várias expedições de geologia à procura de molibdênio, fui criado praticamente dentro de um hospital de pronto socorro onde meu pai era médico. Tive, portanto, a oportunidade, que não é comum à maioria dos jovens, de vivenciar um pouco do cotidiano de muitas profissões.

Após todas estas experiências cheguei à conclusão de que eu “não me encontraria” em nenhuma destas profissões. Resolvi então fazer arqueologia, em um momento em que não se falava nesta área em Pernambuco. O curso que mais se aproximava do que queria era o de Ciências Sociais, por oferecer as disciplinas de Antropologia Física e Cultural. Resolvi, portanto, cursar Ciências Sociais e dedicar-me

primordialmente às disciplinas de Antropologia. Um amigo havia me dito uma frase que memorizei: “- é muito importante na vida você saber o que quer e saber querer” e que, por conseguinte “fazer o que gosta e gostar do que faz é uma das chaves da felicidade profissional”. Em minha vida profissional existiu essa escolha muito cedo e, muito consciente, resolvi fazer arqueologia. Fiz vestibular para Ciências Sociais e iniciei o curso. As dificuldades naquela época eram incontáveis. A biblioteca da então Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco, dispunha apenas de dois livros da área: *Les Hommes Fossiles*, de Marcelin Boule e Henri Vallois e o livro de Paul Rivet, *As origens do homem americano*.

Dediquei-me basicamente às duas cadeiras de Antropologia, e em dado momento uma dessas disciplinas, a de Antropologia Física, realizou uma excursão, o que era algo inusitado naquela época. O professor de Antropologia Física motivou a turma para localizar um sambaqui na praia de Pau Amarelo. De acordo com a programação, se deveria ficar acantonado em uma casa de veraneio de oficiais do exército, ao lado das ruínas de um pequeno forte. Ninguém sabia exatamente o que estava procurando, e provavelmente o professor se encontrava na mesma situação. Logo no primeiro dia ninguém mais se interessava pelo assunto, salvo um colega holandês, uma aluna que posteriormente veio a casar-se com ele, e eu. Este trio, a despeito do desinteresse geral, foi o único a insistir em escavar, mesmo sem a orientação necessária. O professor em um dado momento assumindo um ar doutoral reuniu toda a turma no ônibus da Universidade e solenemente disse: “- É tão importante para a ciência afirmar ou negar a existência de algo. Neste caso podemos afirmar que estas conchas não são um sambaqui”. Terminava a frustrada “expedição”.

Entretanto, nas imediações das ruínas do fortim de Pau Amarelo, encontrei um fragmento de argila de forma circular. Peça até então desconhecida por todos os presentes, inclusive pelo professor. Nesta oportunidade tive contato com Gilberto Freyre, através de Roberto Galvão que trabalhava com ele. Gilberto não conseguiu identificar a peça e me encaminhou para falar com o prof. José Antonio Gonsalves de Mello, historiador dedicado ao período holandês, e que tinha um grande conhecimento de peças. Após um grande manuseio da peça concluiu que talvez fosse um “bico de chaleira, de um bule, ou de alguma coisa por onde saia água, chá ou coisa parecida”. Indiscutivelmente, foi uma grande decepção para um jovem que queria se dedicar à arqueologia; tinha encontrado uma peça que não conseguia ser identificada por pessoas de tamanha respeitabilidade. Retomei o contato com Gilberto Freyre e expus a ele a situação. A partir deste momento

Gilberto percebeu minha insistência e interesse pela arqueologia. Esta "misteriosa" peça nada mais era do que a parte final do cotovelo de um cachimbo português. Esta peça se encontrava fraturada e não apresentava mais a sua chaminé. Aliás, peça que viria a encontrar aos milhares durante minha vida profissional.

Se alguém aqui já leu o tio Patinhas, deve se lembrar de sua moeda número um, aquela que ele mantém com a maior reverência. Esse fragmento de cachimbo é a "moeda número um" da minha vida profissional, pela qual eu tenho um carinho todo especial. Foi ela que abriu as portas para criação do então Setor de Arqueologia, que viria a ser o atual Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Havia sido criada por Gilberto Freyre uma Divisão de Antropologia Tropical, na então Universidade do Recife. Naquela ocasião visitou Pernambuco uma missão americana, talvez realizando uma pré-sondagem do potencial arqueológico da região. Esta missão era coordenada por um arqueólogo norte-americano chamado Russel. Acompanhava-o uma arqueóloga, também norte-americana, e um estudante canadense. Gilberto Freyre, lembrando-se do meu interesse pela arqueologia me chamou e disse: "- há uma oportunidade e eu gostaria que você acompanhasse esse grupo". Nesta oportunidade, Gilberto Freyre, que era uma figura séria e austera, como era o caso de Loureiro Fernandes, que tive a honra de conhecer, me fez uma observação: "- meu filho, leve uma caderneta para anotar tudo e para não parecer leviano".

Percorremos praticamente todo o nordeste. Alguns sítios arqueológicos foram localizados, inclusive na Serra da Capivara, no Piauí. Neste local, inclusive, quando se estava fotografando algumas pinturas, ocorreu algo interessante. O arqueólogo norte-americano, o Russel, era alto, gordo e tinha um problema de joelho, o que fazia com que o mesmo se locomovesse com dificuldade. Em um dado momento todas as suas dificuldades de locomoção foram superadas quando o mesmo, de forma desesperada, desceu a serra, rompendo a caatinga como uma 'caterpillar' e gritando: "- vespas, vespas!". Havia realmente uma grande concentração de marimbondos que atacava o americano.

No retorno desta expedição, que foi para mim algo indescritível, pois foi minha primeira grande viagem pelo nordeste do Brasil, apresentei a Gilberto Freyre um relatório que o impressionou bastante, sobretudo por compará-lo com o apresentado pelo americano. Não acredito que este fato deveu-se a competência minha e incompetência do americano. Talvez, neste trabalho de reconhecimento não interessasse à missão americana, apresentar algo mais complexo. Este é um fato que não posso comprovar, apenas supor.

Naquela época, nos idos de 1965, as coisas eram aparentemente mais fáceis. Gilberto Freyre resolveu apoiar a criação de um Setor de Arqueologia na Divisão de Antropologia Tropical. Para tal emitiu um ofício dirigido ao prof. José Antonio Gonsalves de Mello, diretor do Instituto de Ciências do Homem, solicitando a minha contratação como auxiliar de pesquisa. Desta forma foi criado o Setor de Arqueologia, que viria a ser o atual Laboratório de Arqueologia.

Os problemas que enfrentamos foram enormes, sobretudo pela falta de formação teórica em arqueologia. Aliás o problema não era apenas nosso. A arqueologia praticada no Brasil naquela época era bastante incipiente. Excluindo-se algumas pequenas exceções, não se dispunha de formação teórica.

Não tínhamos condições epistemológicas de formular problemas e iniciar uma pesquisa de forma sistemática e objetiva. Mesmo com esta debilidade, localizamos e “escavamos” doze sítios.

Nesta ocasião surgiu uma grande oportunidade que, por ingenuidade, não foi aproveitada. O antropólogo René Ribeiro, que havia sido meu professor de Antropologia Cultural, mantinha relações com o casal Evans. Sabendo do meu interesse por arqueologia, me procurou e comunicou que os Evans haviam entrado em contato com ele, e que estavam procurando alguém que quisesse trabalhar com arqueologia. Estavam iniciando um programa arqueológico para o Brasil e o Estado de Pernambuco se encontrava a descoberto. Nesta oportunidade me perguntou: “- você se interessa por isso, já que você quer fazer arqueologia?” Eu respondi: “- me interessa por arqueologia, mas não para trabalhar com os americanos”. Esta decisão decorreu de uma razão muito simples: a minha geração, a dos anos 60, era uma geração extremamente anti-americanista. Evitava-se usar calça jeans e demais símbolos que denotassem influência dos EUA.

Era a época da Aliança para o Progresso, do *Peace Corps*, etc. E eu, na ingenuidade e impetuosidade da juventude, pensei que não deveria “passar” informações do meu País para os americanos.

Hoje, com 64 anos de idade e 41 de arqueologia, chego a uma conclusão quase cômica. Independentemente da idade que se tenha, sempre tomamos decisões acreditando em nossa “maturidade”. Quando tinha 20 anos pensava que era maduro, quando me comparava aos meus 17 anos. Não foi diferente aos 30, aos 40 e hoje aos 60. Refletindo sobre algumas de minhas posturas assumidas aos 30 anos, vejo hoje como era ingênuo naquela época. Hoje tenho plena certeza que não será diferente nas próximas décadas.

Com a avaliação de hoje vejo como fui ingênuo e impetuoso por não ter aceito o convite do René Ribeiro naquela época. Teria

participado do Pronapa e acelerado os meus conhecimentos em um momento no qual a debilidade teórica em arqueologia era uma grande tônica.

Ainda com a avaliação de hoje tenho o maior respeito e admiração pelo Pronapa que, indiscutivelmente, foi o maior programa de pesquisa arqueológica realizado no Brasil de forma articulada. Faço algumas restrições metodológicas a este Programa, porém entendo que foi através dele que se formaram arqueólogos, e que o Programa permitiu ainda, uma ampla visão preliminar da arqueologia brasileira.

Mesmo não tendo aceito participar do Pronapa, tinha consciência de que os seus membros seguiam uma metodologia similar e que eu estava sem referencial operacional.

Aproximava-se, sem que eu tivesse a real dimensão do que ocorreria, um fato que viria a redirecionar a minha vida profissional e conseqüentemente a do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Tomei conhecimento, não me recordo como, de que haveria um curso de pós-graduação em arqueologia na Universidade do Paraná. Usei escrever, não me recordo se para o prof. Loureiro ou para o Igor, perguntando se havia alguma possibilidade de eu vir a participar desse curso no Paraná. Sendo sincero, não esperava resposta. Rapazola sem formação, sem tradição na área, conhecido apenas por um pequeno grupo local, por que seria aceito para fazer o tal curso ministrado por uma professora da Sorbonne? Porém, para minha surpresa não apenas recebi resposta, assinada pelo Igor, mas sobretudo por ser positiva. Fui aceito para participar do referido curso.

Nesta oportunidade teve início a minha grande experiência com a burocracia nacional. Escrevi para a Capes, que concordou com a proposta de me enviar uma passagem aérea Recife/Curitiba/Recife. Concordou, porém aproximava-se a data de início do curso e a passagem não chegava. Consegui recursos emprestados para comprar a passagem e viajei ao Paraná, pois acreditava que ali encontraria o que buscava, pelo menos uma direção a seguir nos próximos passos. Pensava em ser ressarcido da passagem rapidamente, fato que não ocorreu. Desta forma me iniciando também na burocracia brasileira.

Em virtude destes trâmites burocráticos cheguei com um retardo de três dias ao seminário da Ilha dos Rosas, na baía de Antonina.

Ao chegar ao Paraná, me deparei com uma experiência completamente nova. Nordestino, acostumado a 30 graus de inverno a verão, de repente me achava acampado na Ilha dos Rosas, experimentando um frio terrível.

Todas as experiências na Ilha dos Rosas foram para mim extremamente impactantes. O clima, a logística, a sistemática de



Escavação na Ilha dos Rosas. Momento pré-CEPA do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

pesquisa, os membros da equipe, enfim, uma mudança radical em diferentes segmentos de minha experiência até então vivenciada. Afinal, vinha de uma experiência praticamente autodidata.

Tinha “trabalhado”, até esta experiência no Paraná, 12 sítios arqueológicos. Alguns pré-históricos e outros históricos e de contato.

Confesso, sem nenhum constrangimento, e até com agradecimento e orgulho, que tanto eu, enquanto pesquisador iniciante, e o próprio Laboratório de Arqueologia da UFPE, vivenciamos dois momentos historicamente distintos: o momento Pré-CEPA e o momento Pós-CEPA. Acredito, inclusive, que o mesmo poderia ser dito por outros arqueólogos brasileiros.

Ao retornar do Paraná, escavei o meu 13º sítio arqueológico, a Feitoria de Cristóvão Jaques de 1516. Tratava-se de um sítio de contato entre os primeiros portugueses que aportaram em Pernambuco e um grupo de Tradição Tupiguarani.

A escavação deste sítio teve uma indelével significância para mim e para o nosso Laboratório. Vindo do CEPA, esta foi a primeira escavação “solo” que realizei com segurança. Claro que houve uma alteração de toda a sistemática até então utilizada. A forma de controle da escavação, dos perfis, da análise, etc.

Iniciava-se neste sítio a minha entrada oficial na arqueologia histórica, que nos meios acadêmicos de então não era considerada

“arqueologia”.

Foi durante a escavação deste sítio que comecei a namorar a minha futura esposa, que além de companheira de todas as horas, se tornaria arqueóloga.

Existem algumas coisas que curiosamente ficam fotograficamente na nossa memória. Uma das vezes, vindo com ela ao Paraná, estivemos na casa do Igor. Lembro-me da posição em que estávamos sentados em sua casa. Nesta oportunidade o Igor serviu uma bebida, talvez ucraniana, não me recordo, apenas lembro que era perfumada.

Igor – eu sei qual, era o Stainhaeger, bebida alemã.

Uma outra recordação que não posso esquecer jamais, foi o contato com o dr. Loureiro Fernandes. Embora fosse praticamente um garoto, na época, o dr. Loureiro me dispensou uma atenção toda especial. Conversava e me orientava como se fôssemos velhos amigos. De modo análogo ao procedimento de Gilberto Freyre, com quem trabalhava, sabia apoiar o jovem. Lição que aprendi e que acredito, deveria ser adotada pelos renomados pesquisadores. Quantas vezes o direcionamento da vida profissional de um jovem não pode ser alterada em função de seus contatos com seus mestres? Muitas vezes é mantida uma distância intransponível entre as gerações de pesquisadores, com sérios prejuízos para ambos. A humildade na transmissão do conhecimento em nada diminuirá o status do pesquisador já renomado. Respondo sistematicamente a todos os e-mails que recebo e para minha surpresa, muitas vezes, venho a conhecer o emitente que diz surpresa: “- nunca pensei que o senhor me responderia”. Como foi importante para mim a resposta do Igor? Como já disse, também não esperava receber resposta.

Embora sempre tenha sido disciplinado com minhas obrigações, um outro aspecto que muito me marcou na experiência do Paraná, foi a seriedade que o Igor sempre imprimia a tudo que fazia. Nasceu para pesquisador. Se não fosse arqueólogo estaria pesquisando em outra área do conhecimento, porém pesquisando. É a sua vida.

O Igor freqüentemente levava mantimentos de Paranaguá para a Ilha dos Rosas. Era a nossa única fonte alimentar. Certa vez houve um temporal e os mantimentos não chegaram.

Igor – eu quase naufraguei lá.

Começamos a pescar bagre e a salgá-los, (ainda restava sal). Depois de restabelecido o abastecimento, passamos a pescar por esporte, após o expediente de trabalho.

Nesta experiência da Ilha dos Rosas conheci o Schmitz, o Rohr, a Margarida Andreatta, o Celso Perota, a saudosa Lina, a Annette, com

quem estabelecemos uma estreita relação de amizade, e o Braz Pepe. Deste conhecimento, que nos abriu grandes horizontes, alguns fatos curiosos aconteceram.

Não havia no Brasil, naquela época, grandes espaços para encontros de arqueologia. O professor Schmitz organizava, em São Leopoldo, o Seminário de Arqueologia da área do Prata. Eu tinha terminado de escavar a Feitoria de Cristóvão Jaques, logo depois da Ilha dos Rosas, e foi nesta ocasião que o professor Schmitz me convidou para participar do referido seminário. Ocorre que o meu trabalho tinha sido realizado em Pernambuco, em outra bacia hidrográfica. Como iria participar deste encontro? O Schmitz resolveu de forma magistral, o seminário denominou-se Seminário de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências, e com este título foi publicado os Anais deste encontro. Conseqüentemente agradeço ao prof. Schmitz, aqui presente, esta grande oportunidade para conhecer outros arqueólogos como a Nina, a Carrara e, em seguida, o Rex González e o Cigliano.

Ampliava-se meu ciclo de conhecimento com outros arqueólogos. Através do Igor, com quem mantive contato após a experiência da Ilha dos Rosas, soube que haveria um encontro do Pronapa em Belém. Embora não participasse desse Programa, pelas razões expostas, já tinha amadurecido um pouco mais e percebi que poderia aprender algo novo. Não tinha exatamente a noção que se tratava de um evento “fechado” aos seus membros. Pensava que fosse um encontro aberto como um seminário, ou algo semelhante.

Tinha montado, embora não pertencesse ao programa, uma seriação com o material encontrado na Feitoria. Afinal, a perspectiva abordada na Ilha dos Rosas era voltada praticamente para a indústria lítica. O famoso “método Ford” aplicava-se a outros materiais arqueológicos. Com a seriação em mãos comprei uma passagem e segui para Belém com muitas esperanças. O grupo encontrava-se hospedado no Hotel Central, em Belém. Pela manhã, no hall do hotel, encontro praticamente todos reunidos. Fui apresentado ao casal Evans e em seguida mostrei ao Clifford a seriação obtida. Ele ficou impressionado com o resultado e disse para Betty: “- veja o resultado desta seriação que este rapaz de Pernambuco conseguiu”. Recordo-me como se fosse hoje. A Betty ficou impressionada e conversamos um pouco sobre o assunto e sobretudo como eu tinha chegado a esta seriação se não participava do Programa. Em um dado momento o Clifford perguntou se eu tinha interesse em fazer um curso com eles nos EUA. Naquela época era praticamente o sonho de todo estudante universitário realizar um curso no exterior. Perguntei então ao Clifford o que era necessário. Ele respondeu que deveria entrar em contato

com o Simões, pois ele era o contato deles para estes assuntos. Como normalmente gosto de saber com quem vou tratar, perguntei ao Clifford se o Simões era um tipo “fácil” ou não? Foi, sinceramente, uma pergunta sem nenhuma maldade. Provavelmente pelo fato do Clifford não falar bem o português, quando comentou com o Simões sobre mim, deve ter alterado o sentido da pergunta. Em decorrência deste fato, gerou-se uma situação extremamente desagradável e difícil de se esquecer. À noite, estava passeando na calçada do hotel Central com o Igor, Ondemar, Calderón e o Celso, quando um do grupo, não me recordo quem, comentou: “- lá vem o Simões”. Aproximava-se um tipo com uma camisa folgada, por fora das calças e toda florida. Lembrava mais um turista americano no Havaí. Ao se aproximar fui apresentado a ele. Estendi a mão e ele não correspondeu. Apenas inquiriu: “- quer dizer que você me acha um tipo difícil? Nunca me viu!” Tentei explicar que se tratava de um mal entendido, porém nada adiantava. O Simões continuava com a mesma postura. Então, já irritado, respondi que tinha feito um pergunta para saber com quem iria falar, entretanto a partir daquele momento não tinha a menor dúvida que ele era um tipo difícil e que o assunto estava encerrado. Foi indiscutivelmente criado um clima insustentável. Não havia mais condições para eu assistir, mesmo como ouvinte, a reunião do Pronapa. O Napoleão Figueiredo, desapontado com o ocorrido, e tentando minorar a minha situação, me convidou para fazer um estágio sobre cerâmica amazônica em seu Laboratório. Foi um ato de solidariedade que reconheço e pelo que lhe sou grato. A partir deste episódio perdi, conseqüentemente o contato com o pessoal do Pronapa. Apenas mantinha contato com pessoas de forma isolada. Foi neste momento que ocorreu outro fato marcante no início de minha vida profissional. O Calderón me convidou para fazer um estágio com ele na Bahia. Disse que conseguiria hospedagem e alimentação. Apenas se esqueceu de informar que faria as refeições no restaurante universitário, e que o mesmo somente funcionava até a sexta-feira. Não houve informação verbal, apenas estomacal. Para minha surpresa, quando cheguei ao restaurante, o mesmo estava fechado e o vigilante informou que funcionava apenas de segunda a sexta. Tinha pouco dinheiro, o que me permitiu comer apenas alguns acarajés. Nas outras sextas-feiras comia bastante no jantar pois sabia que somente ir comer novamente na segunda. Compensava o vazio abdominal com água.

Os tempos mudaram. Hoje dificilmente se conseguiria um estagiário que se submetesse a estas condições. Diga-se de passagem que não defendendo esta situação, apenas considero importante que os mais jovens saibam pelo menos parte da história do início da arqueologia

científica brasileira. Se passei por estas experiências, muitos dos mais velhos, aqui presentes, passaram por outras, para chegarem onde chegaram.

Posteriormente, participei de outros estágios com o Calderón, com quem muito aprendi. Inclusive participei, juntamente com ele, da escavação da Gruta do Padre, em Petrolândia.

Muitos anos depois do incidente de Belém, já com a SAB criada, estava participando de uma de suas reuniões, quando para minha surpresa sentou-se intencionalmente ao meu lado o Simões. Em tom confidencial disse: “- tenho excelentes relações com os EUA, caso você precise de algum equipamento pode me dizer que facilito a importação”. Achei estranho, porém entendi como uma tentativa de reconciliação. Não necessitei de nada, porém mantive com ele relações cordiais a partir deste momento. Todas as vezes que nos encontrávamos, conversávamos como se nada tivesse ocorrido. Acho que esta atitude deve ter feito bem para ele.

Embora seja difícil, estou tentando dar um sentido cronológico a alguns episódios de minha vida profissional. Por esta razão, vou voltar ao Paraná.

A partir da Ilha dos Rosas, mantive um excelente relacionamento com a Annette, que convidou a mim e a Veleda para fazer um doutorado na França, sob a sua orientação. Isto nos anos de 1972/73. Nesta oportunidade, fomos passar umas férias de páscoa em sua residência de campo em Cardaiac, no sul da França. Casa medieval, em pedra, onde passamos momentos agradáveis de nossa vida. Nesta oportunidade, durante uma conversa à noite, ao pé de uma lareira, a Annette confidenciou algumas de suas angústias. Achava-se bastante deprimida por não encontrar uma razão objetiva para fazer arqueologia. Perguntava ela: “como em uma sociedade com muita gente passando fome, nós nos dedicamos a estudar o passado?”. Na época não consegui ajudá-la o suficiente, creio eu. Provavelmente hoje, teria alguns argumentos mais fortes nos quais acredito, como o *slogan* de nosso Laboratório: “Uma sociedade que não conhece seu passado não tem perspectiva de futuro”.

Dando prosseguimento a esta narrativa, volto ao CEPA. Saí do Paraná impressionado com a então estrutura do Igor. Tanto o Laboratório, como seus equipamentos, e sobretudo com a sua obstinação pelo trabalho que realizava. Tudo isto me motivou a enfrentar uma dura batalha que estaria por vir. Lutei por espaço na UFPE, comecei a buscar equipamentos que se adequassem à nossa realidade fisiográfica. Não foi uma luta fácil, sobretudo naquela época.

As universidades eram mal equipadas, os recursos eram parcos

estradas eram muito precárias. Porém com grande obstinação conseguimos dar sucessivos passos que permitiram chegarmos à situação atual. Não que estejamos satisfeitos, pois sabemos que “viver é lutar”. Não há nada que não possa ser aprimorado e melhorado. Espero um dia contar parte desta história com imagens em nossa *home page*: www.magmarqueologia.pro.br pelo menos o que conseguimos registrar.

Começamos com uma Lambretta. Foi um grande tento, pois permitiu o nosso deslocamento sem a necessidade da burocracia para se conseguir uma Rural para viajar. Embora de forma precária, a Lambretta conduzia uma peneira, pá, enxada, e mais alguns apetrechos necessários a um trabalho de campo. No final dos anos 60 conseguimos um Jeep e em seguida uma frota de 60 jumentos que ficavam distribuídos em diferentes pontos do sertão. Quando tínhamos dificuldade de locomoção com o Jeep passávamos a carga para o jumento mais próximo e prosseguíamos a viagem.



Fase intermediária dos equipamentos do Laboratório de Arqueologia da UFPE - Deslocamento no sertão com jumento.

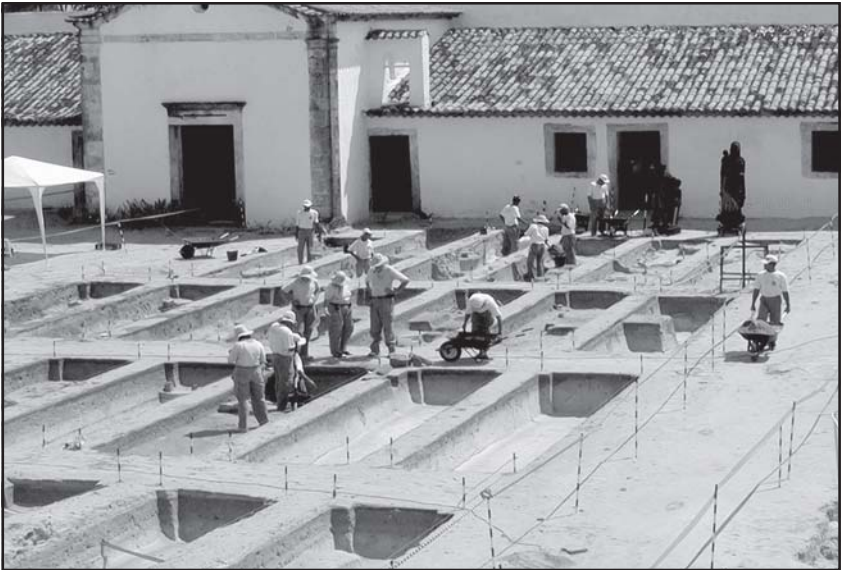
Hoje, com muita luta e obstinação, conseguimos trabalhar em outras condições operacionais. Dispomos de vários equipamentos que racionalizam o trabalho, otimizando tempo e recursos, sobretudo porque realizamos escavações de grande porte como fortes, cidades, etc.



Acampamento em barracas: um grande progresso na década de 1970.



Outro avanço do final da década de 70.



Aspecto das escavações do Forte Orange nos anos 2000.



Avanço nos transportes nos anos 2000. Utilização de quadriciclos em trabalhos de prospecção e reconhecimento.

Uma das mais recentes aquisições de nossa equipe foi indiscutivelmente o Laboratório Móvel. Este equipamento permite que praticamente o relatório da pesquisa saia já pronto do campo.

Disponemos neste Laboratório Móvel de um complexo sistema de comunicação entre ele e os veículos em campo, tanto com frequências terrestres como marítimas. Geração de energia, bancadas de análise, rede de informática, inclusive com Internet via satélite.



Laboratório Móvel do LA da UFPE.



Vista interna do Laboratório Móvel.

Para finalizar, eu gostaria de agradecer a oportunidade de estar aqui, no Paraná, de poder rever amigos, cultivados na Ilha dos Rosas. Amigos dos momentos iniciais de minha vida profissional. Agradeço ainda a oportunidade de poder compartilhar com os presentes um pouco da nossa história. Espero que um dia, toda a “velha guarda” faça o mesmo, inclusive de forma mais detalhada, pois esta é a única oportunidade de se resgatar, através das histórias individuais, a história do início da arqueologia científica brasileira.

Gostaria ainda de reafirmar que, o contato com o CEPA foi decisivo para o re-alinhamento dos objetivos e diretrizes de nosso Laboratório de Arqueologia da UFPE, e que, tanto a personalidade do Igor, como do Loureiro Fernandes, nos incentivou a defender, ainda mais, a importância de se lutar pelo que se acredita.

Por fim, gostaria de passar às mãos do Igor uma pequena lembrança na forma desta placa comemorativa:



Cepa, 50 anos de formação de arqueólogos e de preservação do patrimônio arqueológico Nacional. O reconhecimento e admiração da equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Curitiba 3 de outubro de 2006.

